

# ALGUNS ASPECTOS DA INFLUÊNCIA FRANCESA EM SÃO PAULO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX



Emília Viotti da Costa \*

## Resumo

O artigo mostra, com base em uma documentação variada (jornais, almanaques, memórias, relatos de viajantes, etc.), como a cultura francesa tornou-se de tal forma dominante em São Paulo, a partir de meados do século XIX, que passou a modelar os hábitos, o comportamento e a visão de mundo da elite local, suplantando, paradoxalmente, a Inglaterra país do qual éramos econômica e financeira dependentes.

## Abstract

Based on a great variety of sources this article shows how French culture became so dominant in São Paulo from the middle of the XIXth century on, that habits, behaviour and ways of life of the local elite were completely French-like. This happened despite Brazil's economic and financial dependence on England.

## Palavras-Chave

Influência francesa – São Paulo século XIX – Cultura e educação.

## Keywords

French influence – São Paulo XIXth century – Culture and education.

---

\* Este artigo foi publicado originariamente na *Revista de História* nº 16, 1953, com o seguinte nome e qualificação da autora: Emília Nogueira, Licenciada em Geografia e História pela FFCL/USP. O texto foi modernizado em sua ortografia e sua Bibliografia padronizada de acordo com as Normas da Revista.

**N**a história da cultura brasileira há um momento em que ela passa direta e nitidamente a sofrer influência da cultura francesa. Essa época é o século XIX. Durante anos e anos, inúmeros traços foram acrescentados à vida brasileira graças aos contatos com homens, costumes, idéias e coisas de procedência francesa. Os velhos jornais, o relato de viajantes que percorreram o país nesse período e as memórias da época, oferecem excelente documentação que atesta a importância dessa influência, consignando, por vezes choques com outras, sobretudo a inglesa<sup>1</sup>. Esta, reflexo do predomínio econômico da Inglaterra, manifestou-se na vida cotidiana, imprimiu traços na paisagem urbana, refletiu-se no campo político e ideológico. Ela teve o seu historiador – Gilberto Freyre. Em sua obra *Ingleses no Brasil* (Freyre 1948: 17), procurou ele, fazer um inventário do muito que assimilamos dos ingleses, desde o uso do chá, da cerveja, até o bife com batatas, a residência em subúrbio, o júri e o *habeas corpus*. Não foi menos importante a ação da França. Embora não tivesse o desenvolvimento da Inglaterra, cujo progresso econômico não podia acompanhar, foi sempre uma rival no Brasil a disputar-lhe a clientela comercial e o domínio dos espíritos (Freyre 1948: 20). A sua contribuição para a cultura brasileira foi enorme e está a pedir um estudo semelhante ao que fez o autor de *Casa Grande e Senzala* sobre a influência britânica: um estudo que analise a maneira pela qual se processou esse fenômeno e os seus resultados. Pensando nisso, procuramos fazer algumas observações que sirvam como uma pequena contribuição para um estudo que algum dia se faça no sentido de preencher essa lacuna<sup>2</sup>.

\* \* \*

<sup>1</sup> Caio Prado Jr. (1948: 376) citando Martius, registra o choque entre a influência inglesa e a francesa dizendo: "...Martius observará o que ainda hoje, à primeira vista, nos parece um paradoxo: apesar do completo domínio comercial exercido pela Inglaterra, e do número muito maior de ingleses aqui domiciliados, a cultura francesa não sofreu concorrência".

<sup>2</sup> Algo já foi feito nesse sentido em *Um engenheiro francês no Brasil* (Freyre 1940). Nesse trabalho entretanto, o autor não analisa "como fez no estudo sobre a influência britânica" os resultados da influência francesa no Brasil.

A influência francesa esteve presente no Brasil durante todo o século XIX, acentuando-se sua importância com o passar dos anos. O resultado foi surgirem já no fim do século homens como Santos Dumont e Antônio Prado, para citar apenas dois dos mais significativos nomes da época, verdadeiros representantes do espírito francês, vivendo em ambiente brasileiro. Não constituíram eles exceção dentro de seu tempo, como se poderia imaginar, mas representaram toda uma geração que se formou segundo os moldes franceses.

Na história da influência francesa no Brasil, é sem dúvida, o século XIX, o mais importante pelos seus resultados. “Vivera a colônia nos três primeiros séculos relativamente segregada da Europa não ibérica, principalmente nas regiões de maior especialização econômica e intensa endogamia” (Freyre 1936: 257) onde se definira uma “paisagem social com muito de asiático, de mourisca” e por vezes de africano (Id.: 258). Dessa forma, a colônia portuguesa na América se revestira de aspectos tão exóticos “do ponto de vista europeu” (Id.: 259) que o século XIX, promovendo o contato direto do Brasil com a Inglaterra e com a França, depois da vinda da corte portuguesa, teve para ela o caráter de uma europeização num sentido diverso do português (Id.: 271).

O contato maior da colônia, e mais tarde do Império, com as idéias e costumes desses países estrangeiros, muito modificou o panorama da antiga sociedade colonial, impondo-lhe novos hábitos, criando-lhe novas necessidades.

Até então, as influências francesas ou inglesas chegavam ao Brasil, fraca e indiretamente, através de Portugal, com raras exceções em um ou outro ponto do Brasil onde houve intercâmbio direto com ingleses e franceses. Esses primeiros contatos reportam-se aos primórdios da colonização. Inicialmente aqui aportaram os contrabandistas de madeira, na maioria de Honfleur e de Dieppe<sup>3</sup>. Depois desses, alguns

---

<sup>3</sup> Gilberto Freyre (1940: 22) refere-se a esses primeiros contatos dizendo: “Os produtos das primeiras atividades francesas no Brasil foram as madeiras de contrabando. Dos subprodutos interessam particularmente ao estudioso da formação social do Brasil nos seus pontos de contato com a França, aqueles mestiços arruivados e aquela provável difusão de miudezas de arte ou de objetos de fabrico francês que teriam marcado o início da influência da grande nação européia sobre o nosso país. Influência de sangue e influência de cultura”.

aventureiros franceses, como Villegaignon e la Ravardière, procuraram estabelecer uma colônia da França no Brasil. Viajantes, cientistas, missionários franceses, como Lery, Thevet, Claude d'Abeville, piratas como Dugay Trouin, também aqui estiveram, antes do século XIX e favoreceram, cada um por sua vez, o intercâmbio com as coisas francesas. Entretanto, pela pouca duração e instabilidade desses contatos, pelo seu caráter esporádico, sua contribuição foi pequena, não deixando marcas muito evidentes na cultura brasileira, limitando-se sua atividade a áreas muito restritas do nosso território. Os portos do Brasil permaneceram durante o período colonial fechados às nações estrangeiras, ao comércio e à imigração. Sabe-se, no entanto, pelo depoimento dos viajantes e por denúncias do Santo Ofício, que alguns franceses, embora em pequeno número, conseguiram viver no Brasil antes do século XIX. Foram eles agentes divulgadores da técnica e da cultura francesa no meio em que se estabeleceram. Apesar da proibição da entrada de livros franceses durante quase toda a época colonial (Freyre 1940: 33 e Frieiro 1945: 18), alguns espíritos mais esclarecidos, desde os fins do século XVIII, inspiravam-se diretamente nas obras francesas. Por outro lado, já nesse tempo algumas famílias brasileiras costumavam mandar seus filhos estudar em Faculdades francesas, de preferência em Montpellier<sup>4</sup>. Começavam pois a intensificar-se no fim do século XVIII os contatos com a cultura francesa. Apareciam seus primeiros frutos em algumas regiões do Brasil. Num inquérito feito por Eduardo Frieiro (1945) na biblioteca do cônego Luís Vieira da Silva, um dos espíritos mais instruídos dentre os conjurados da Inconfidência Mineira, registrou-se uma grande quantidade de livros franceses. Eram os primeiros sinais evidentes dessa influência entre nós, prenunciadores da grande importância que ela teria cinquenta a cem anos mais tarde.

Referindo-se aos últimos quartéis do século XVIII, diz o mesmo autor: “Tudo vinha da França, ou por via francesa. A hora da América era nos dada pelo meridiano

---

<sup>4</sup> Já era grande no fim do século XVIII o número de brasileiros que iam estudar na França. Caio Prado Jr. (1948: 363) referindo-se ao último quartel do século XVIII, assinala a presença de muitos brasileiros em Montpellier.

de Paris” (Frieiro 1945: 58). Essa influência ficava, entretanto, restrita a um núcleo muito pequeno, a um grupo de pessoas excepcionais para sua época. Limitava-se também essencialmente ao campo das idéias. A vida cotidiana mantinha seu aspecto tradicional, ainda não fora abalada pela importação de objetos e costumes franceses. Era esse o quadro até 1808 quando, com a vinda de D. João VI para o Brasil, o papel da influência francesa, até então pouco significativo, mudará completamente. A corte portuguesa trazia consigo hábitos de luxo europeu (Debret s/d: 139) e para satisfazer esses costumes que se tornaram necessidades, vieram com ela cabeleireiros e modistas franceses e comerciantes ingleses. Finalmente, com a abertura dos portos, homens e coisas, de origem estrangeira puderam penetrar livremente. Logo de início predominaram as influências britânicas. Era natural! A Inglaterra ajudara o príncipe regente e a corte a escapulirem-se para o Brasil, e a França, na figura de Napoleão, tornara-se sua inimiga. Como recompensa pela sua proteção aquela obteve o tratado de 1810 pelo qual os produtos ingleses passaram a pagar 15% de tarifa, enquanto os de Portugal pagavam 16% e os dos demais países 25%!

Com esse incrível tratado que os privilégios da situação política lhe haviam assegurado, firmou-se a preponderância comercial da Inglaterra no Brasil e paralelamente o predomínio da influência inglesa em quase todos os setores (Pinho s/d: 17). A influência francesa foi momentaneamente eclipsada e a Inglaterra “deu a nota” de 1808 a 1815. Só após 1816 voltaria a França a fazer-lhe concorrência, a desafiar-lhe o prestígio!

A situação política mudara. Napoleão, o inimigo de D. João VI, havia sido derubado, os Bourbons recolocados no trono. As resoluções do Congresso de Viena contribuindo para o apaziguamento gradual dos ânimos e a dissipação das prevenções, propiciaram à influência francesa total acolhimento no Brasil<sup>5</sup>. Nos conselhos da coroa, à política anglófila de Linhares sucederam as tendências francófilas do Conde da Barca. Estreitaram-se as relações entre os dois países. D. João VI ao enviar

---

<sup>5</sup> Pedro Calmon (s/d: 291) observa: “A política de influência de D. João VI graças aos seus entendimentos com a Áustria e com a França orienta para as coisas francesas o interesse e a curiosidade do Brasil”.

um emissário seu saudar Luiz XVIII oficializa a cordialidade entre o Brasil e a França, consolidando definitivamente o predomínio da sua influência. O príncipe concretiza seu interesse em estreitar esses laços, convidando para vir ao Brasil ilustres membros do pensamento francês: Lebreton, Debret, Montigny, Taunay, Ferrez, que constituíram a famosa missão artística de 1816 (Barbosa s/d: 218).

Varridos os empecilhos, até então existentes, homens, livros, idéias e coisas de procedência francesa, penetram, em larga escala nos meios brasileiros. Obras francesas inundam as livrarias. A língua é amplamente divulgada entre nós. Multiplicam-se as viagens de turismo. Comerciantes de todos os ramos, artesãos de todas as profissões, técnicos, professores, colégios de religiosos franceses aqui fundados, sábios e viajantes, refugiados políticos, que aqui aportaram em virtude das sucessivas agitações revolucionárias em França, entram a influir poderosamente “com sua técnica, com seu gosto”, com os artigos que importam ou confeccionam, com sua maneira de viver e de pensar, enfim, sobre a vida, os costumes e as idéias da sociedade brasileira (Souza 1939: 50). Daí por diante a nossa mentalidade afinou-se pelas cordas francesas, e essa influência, durante algum tempo obscurecida pela inglesa, passou a dominar quase soberana. “Linhares quisera ser um Pitt, ou um Canning, Pedro I sonhou ser um Bonaparte. A Lecor, discípulo de Wellington nas fileiras do Brasil, vai suceder Labatut, discípulo de Massena. Ao economismo inglês de 1808, o regime unitário monárquico de 1824 copiado da doutrina de Benjamin Constant. Depois de 1816, o povo continuou a comprar em Londres mas a imitar Paris” (Calmon s/d: 292).

Essa influência não se manifestou nem com igual intensidade, nem simultaneamente em todo o Brasil. Sua ação foi maior em alguns núcleos como Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, São Paulo, onde os vários agentes colaboraram nesse sentido. No Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia essa influência já estava amadurecida e manifestava-se em toda sua plenitude desde a primeira metade do século XIX. Nessa mesma época, em São Paulo, ela apenas se esboçava e só alcançaria igual importância, cinquenta anos mais tarde.

Em Pernambuco a divulgação dos costumes franceses era tal que um jornal de 1842 publicava os seguintes versos:

“Quão diverso vai o mundo  
Meu amigo do que era  
Até cá por estes matos  
Outra lei p’ra tudo impera  
Pasma de ver os matutos  
Como andam gadelhudos  
Já vestidos a francesa  
Petrimetres e barbudos  
Já largarão os cachimbos  
Trazem caixas de charutos  
Até já cortam o fracês  
Os nossos guapos matutos”. (Freyre 1940:38)

Nessa mesma época *O Carapuço*, outro jornal de Pernambuco, dizia: “Tudo se quer à francesa”(Freyre 1940: 38).

Era o mesmo no Rio de Janeiro onde na corte de Pedro I, principalmente depois do seu casamento em 1829 com a princesa Amélia de Leutchemberg, filha do príncipe de Beauharnais, era bom tom falar-se unicamente o francês, ataviar-se ao gosto francês, discutir-se idéias francesas (Debret s/d: 153 e 289); enquanto o empertigado regimento de granadeiros e infantess alsacianos e suíços que compunham a guarda de D. Pedro I, distribuía-se aqui e ali comandado por oficiais franceses, ostentando o uniforme e o aspecto marcial dos exércitos napoleônicos, dos quais haviam feito parte (Morais Filho 1904: 249). No Rio de Janeiro o povo extasiava-se diante das vitrinas das casas de comércio francesas, da rua do Ouvidor, tantas vezes comparada pelos viajantes à rua Vivienne em Paris<sup>6</sup>. Enquanto isso, em São Paulo, apenas um ou outro francês pioneiro estabelecia-se como hoteleiro ou dono de casa de jóias, e esses mesmos podiam se contar nos dedos de uma das mãos (Debret s/d: 289).

---

<sup>6</sup> Já em 1822, Ferdinand Denis dizia: “On trouve a Rio entre quantité de Français que tiennent des magasins assortis a peu près des mêmes articles, presqu’ autant de marchands de modes que dans la rue Vivienne, des tailleurs, des menuisiers, des boulangers et des ouvriers”... Numerosos autores fizeram posteriormente igual comparação.

Os cronistas que percorreram o Brasil nessa época, espantam-se diante dessa diferença “chocante” entre São Paulo e as cidades do Rio de Janeiro ou Recife. A influência francesa na Paulicéia permanecia restrita ao âmbito, muito fechado, das salas da Faculdade de Direito, atuando quase exclusivamente no campo das idéias. Só foi adquirir importância em São Paulo na segunda metade do século XIX. Enquanto em outras regiões ela amadurecia, aqui se achava apenas no embrião. Com igual atraso em relação a outras partes do Brasil aqui chegou a influência britânica. “Acentuou-se já no fim do segundo Reinado e começo da República, quando principiou a declinar na maior parte do Brasil, principalmente naqueles pontos – Rio, Bahia e Pernambuco, onde chegara a ser nada menos que imperial” (Freyre 1948: 46).

São Paulo parecia menos penetrável às influências estrangeiras. Como explicar o fenômeno? Várias foram as condições que contribuíram para que a influência francesa penetrasse antes no Rio de Janeiro e em Pernambuco e só posteriormente em São Paulo. Recife e Rio de Janeiro contavam com a vantagem de serem portos de mar de grande movimento, e sempre em contato com vapores vindos da Europa. Possuíam uma população muito maior, cujo poder aquisitivo era nitidamente superior ao do paulista, e que se habituara a um nível de vida mais elevado. Recife, vivia ainda na tradição da riqueza do açúcar e o Rio possuía o exemplo da vida de luxo da corte. Para esses pontos afluíram artistas, engenheiros, comerciantes, artesãos – franceses atraídos pelas grandes possibilidades que a vida nesses lugares se lhes oferecia. Nessa época ninguém se lembraria de vir para São Paulo onde a população era pequena, de hábitos modestos e isolada pela deficiência dos meios de transportes que dificultava qualquer tipo de comércio! Era no Vale do Paraíba, nos solares das fazendas de café que pontilhavam essa via natural onde se respirava um pouco da atmosfera francesa.

Pode se escolher como marco da definitiva penetração da influência francesa em São Paulo, a fundação em 1864 da *Casa Garraux*: livraria, tipografia, depósitos de vinhos, de guarda-chuvas, objetos de artes, etc. e que durante muitos anos desempenhou papel de importante centro difusor da cultura francesa. A partir dessa data observa-se em São Paulo a mesma procura pelos livros franceses, a mesma afluência de comerciantes e técnicos franceses, que se assinalara no Rio, Bahia ou

Pernambuco, já na primeira metade do século XIX. A sociedade paulista *afrancesava-se* como as suas irmãs e embora um pouco tardiamente, identificava-se com elas. Daí para diante a influência francesa em São Paulo cresceu sempre em intensidade, atingindo seu clímax com o desenvolvimento da cultura cafeeira e a melhoria dos meios de transportes no fim do século, quando fortunas brilhantes levaram para a Europa famílias inteiras de fazendeiros, quando os filhos destes, frequentando as Universidades da França, ao voltarem traziam consigo a insatisfação e o desejo de transplantar para sua terra, suas fazendas, suas casas, um pouco do ambiente francês que tanto lhes agradara e ao qual se haviam acostumado.

Eduardo Prado, nítido expoente dessa geração, transporta para sua fazenda “Brejão”, no município de Casa Branca “as suas comodidades de Paris”. “Brejão é uma proeza do espírito, do espírito paulista que traz a Europa para os cafezais” (Calmon s/d: 188).

A riqueza proporcionada pelo café permitiu aos paulistas, mais do que nunca entrarem em contato com a cultura francesa e assimilarem-na em grande parte. Se concretizássemos a evolução da influência francesa em São Paulo, num gráfico, observaríamos que esta no início quase nula, cresceria sempre no decorrer do século.

O conhecimento de alguns dos principais agentes responsáveis pela difusão da cultura francesa entre nós ajuda a esclarecer, em parte, o processo pelo qual se difundiu a influência francesa em São Paulo.

O papel desempenhado pelo que se costumou chamar de agentes técnicos (Freyre 1940) foi considerável, muito maior do que é costume avaliar-se. A melhor fonte de informações para o estudo desses agentes, são os jornais da época. Seus anúncios nos permitem reconstituir um quadro bem próximo da realidade<sup>7</sup>. Registram eles a existência de um grande número de casas comerciais e de artesãos franceses em São Paulo, na segunda metade do século XIX. Estabelecimentos comerciais de propriedade ou pelo menos de nome franceses havia-os em todos os ramos de negócios. Predominaram talvez,

---

<sup>7</sup> Muitos estudos têm sido feitos utilizando-se os jornais como documentos; entre estes destacam-se os de Otávio Tarquínio de Souza e os de Gilberto Freyre.

no setor da moda. A casa *Au Bon Diable; Le printemps, Louise Paris*, ou a casa de Augusto Corbisier, disputaram entre si a clientela, importando artigos diretamente de Paris.

Augusto Corbisier, em anúncio de 24 de novembro de 1878, no *Correio Paulistano*, participa aos fregueses, tanto da capital como do interior, que acabava de chegar um grande sortimento de roupas brancas, enxovais, vestidos, leques, grinaldas, véus, chapéus, flores, fazendas, etc., “comprado pela sua senhora mesmo em Paris”. *Au Bon Diable* anuncia que “acaba de receber de Paris um grande sortimento” de costumes<sup>8</sup>.

Também no ramo dos calçados dominam os comerciantes ou artigos franceses. A Bota Parisiense, anuncia em 13 de maio de 1878, no *Correio Paulistano* que “acaba de receber pelo pacote francês *Ville Rio De Janeiro*, ultimamente chegado ao porto de Santos”, um esplêndido e completo sortimento de calçados. A palavra “Paris” torna-se verdadeiramente prestigiosa (Expilly 1862: 271).

Se há um grande número de comerciantes franceses no setor das modas, sua importância não é menor em outros gêneros de atividade. Os brinquedos das crianças vêm da França. A *Paradis des enfants*, da viúva Genin e filhos, uma das grandes casas de brinquedos, em anúncio de 10 de novembro de 1878, notifica ao público paulista a chegada de variado sortimento de brinquedos, “tudo comprado e escolhido em Paris, por um dos sócios da casa ultimamente chegado”.

O comércio dos livros está quase todo em mãos de franceses. É na livraria Larroque, na Casa Garraux, ou na Imperial litografia de Jules Martin, que se compram as obras-primas da literatura francesa. Mesmo no ramo da indústria aparecem eles (açambarcando o mercado), tal é o caso da *Distillerie Française*, fundada em 1868<sup>9</sup>. As únicas tinturarias existentes estão na mão de franceses<sup>10</sup>. É na mão de

<sup>8</sup> Anúncio no *Correio Paulistano*, de 29 de outubro de 1878.

<sup>9</sup> A *Distillerie Française* foi fundada em 1868 por Mr. Bolidair, e aparece em anúncios sucessivos nos jornais da época.

<sup>10</sup> Em 1878, a 30 de janeiro aparece o anúncio da Tinturaria Francesa situada na Rua da Imperatriz e em 1871 a Tinturaria Drat et Bonnet.

um deles Henrique Levy, que está o monopólio da importação de artigos musicais. Franceses também são os que dominam o mercado de jóias como Pedro Chiquet, ou Suplicy. Os anúncios que se sucedem demonstram de maneira a não deixar dúvidas a proeminência dos artigos franceses no comércio paulista.

As casas comerciais em São Paulo, na segunda metade do século XIX, distribuem-se aproximadamente em dois grupos: as francesas e as nacionais, na maior partes das vezes também importadoras de artigos caracteristicamente franceses, a que se vem obrigadas não só pela falta de produtos nacionais como para não sucumbir à concorrência. Um exemplo: “*O Cangirão Monstro*, que oferece ao público um variado e completo sortimento de louças, porcelanas, cristais, talheres, *crisrophle* `colares anodynos eletromagnéticos de Royer, para facilitar a dentição e evitar as convulsões das crianças, e as excelentes máquinas Lhôte, para água Selts´ recomendadas, como as mais simples, bonitas e baratas para o fabrico desse líquido tão útil na estação calmosa”, e que recebe todos os seus artigos da casa matriz na Corte, a qual por sua vez, recebe tudo “diretamente da Europa”<sup>11</sup>.

A mais célebre das casas comerciais na mão de franceses estabelecidos em São Paulo, na segunda metade do século XIX, é a casa Garraux. Começara Mr. Garraux em 1859 com uma quitanda, onde vendia, além de papéis para cartas, penas, lápis e outros artigos de escritório, números das revistas: *Illustration* e *Monde Illustré* (Nogueira 1907: v. 5, 144). Já em 1860 funda a casa que teve o seu nome. “Espírito progressista, Mr. Garraux, assinalou desde logo sua presença na Paulicéia por uma inovação no objeto de seu comércio – foi o introdutor do envelope” (Id.: 144). Durante anos funcionou a sua casa como importante centro de difusão da cultura francesa na sociedade paulista. Nos anúncios que publica nos jornais, desde o ano de sua fundação, aparece toda sorte de produtos importados da França: “medicamentos homeopáticos da afamada casa Castellan e Irmãos de Paris, espelhos, quadros, jarras de porcelana, bronze, cristal, adornos de salas de visita, mesas de charão, apar-

---

<sup>11</sup> Correio Paulistano de 22 de novembro de 1878; idem de 8 de janeiro de 1878.

dores, secretárias (*bureau de dames*), prateleiras, *cachepots*, vide *poches*, *chifoniers*, etc. Gravuras para quadros, caixas de costuras, envelopes, papéis fantasias para presentes, álbuns de retratos, objetos de escritório, confeitos, brinquedos comprados na exposição industrial de Paris, etc. Além desses artigos, das mais variadas espécies, inúmeros outros que seria longo enumerar, eram encontrados na Casa Garraux. Era também livraria e aceitava assinaturas para jornais e revistas franceses<sup>12</sup>. Fundada em 1860 a livraria Garraux, tornou-se desde logo o centro elegante procurado pelos jovens intelectuais paulistas (Resende 1939: 103). Ali se reunia em longas palestras com Mr. Garraux, o melhor da intelectualidade paulistana, continuando a tradição estabelecida no Rio de Janeiro já na primeira metade do século XIX, onde, nas lojas de maior nomeada estacionavam habitualmente durante a semana, políticos, fazendeiros, diplomatas e funcionários públicos, em amistosa palestra (Morais Filho 1904: 249). Muitas amizades fez o livreiro e agiu com sua casa de negócios, com os artigos que vendia e principalmente com sua marcante personalidade e cultura, como ativo agente da influência francesa entre nós.

288

Ao lado dessas casas comerciais, algumas das principais entre muitas outras que seria fastidioso enumerar, anunciadas não só em jornais como nos almanaques da Província de São Paulo e que denotam a importância adquirida pelos comerciantes de origem francesa, alinham-se os nomes de artesãos, especialistas franceses de todas as profissões.

Vários são os cabeleireiros. Ao que parece esse gênero de atividade estava exclusivamente nas mãos de franceses, como Aimé Quilliet, que em 3 de fevereiro de 1878 avisa ao público, através do *Correio Paulistano*, que acaba de chegar a sua casa “um dos mais hábeis cabelereiros de Paris que tem vindo ao Brasil” (!); Pedro Teyssier, Henri Biard, Bosignon e Pruvot dominaram a arte entre 1865 e 1877 (Moura 1943: 238). Por volta de 1884 encontramos Guntimé e Husson. Sucediavam-se assim os cabeleireiros franceses em São Paulo. Além de exercer a arte, eles a ensinavam.

---

<sup>12</sup> Correio Paulistano, respectivamente, de 30 de janeiro, 17 de fevereiro e 5 de janeiro de 1878.

Muitas famílias paulistas, principalmente as residentes no interior, mandavam suas escravas aprender com os mestres franceses a técnica do penteado.

Numerosas são as costureiras e alfaiates franceses radicados em São Paulo na segunda metade do século XIX: Mme. Hervieu, Mme. Martin, Mme. Pruvot, Mme. Rochat, Mme. Pascau, todas costureiras, “elegantíssimas parisienses *tout à fait chics*” (Moura 1943: 238). Muitos são os alfaiates como Jules Pourraily, Henri Secerpelle e Pierre Bourgade<sup>13</sup>. Este último, num anúncio ilustrado com sugestivo *croquis*, onde se enlaçam os nomes do Brasil e da França faz questão de publicar em 12 de fevereiro de 1878 que “São Paulo não tem nada mais a invejar da corte, pois a casa de Pierre Bourgade recebeu um hábil contramestre de alfaiataria que acaba de chegar de Paris”. É esse mesmo Pierre Bourgade que, não se contentando com os lucros de tão elegante especialidade, vende em sua casa flores das mais variadas espécies<sup>14</sup>.

Ao percorrermos os jornais da época, observamos que os franceses predominaram não só na venda de artigos musicais, como no ensino da música. Um dos mais célebres, foi o prof. Giraudon, que ensinou piano em São Paulo por mais de 30 anos. Nessa época, ao lado das modinhas brasileiras, já em declínio, começam a aparecer numerosos anúncios de músicas francesas: fantasias, valsas, quadrilhas e outras músicas recém-chegadas da França. Dentistas franceses também aqui se estabeleceram na segunda metade do século XIX, como o estimadíssimo Émile Vautier, cujo nome se perpetuou numa rua do Canindé (Moura 1943: 238). Célebres foram as parteiras, como Mme. Góurgues que se anuncia nos jornais de 1878 como “sucessora de Mme. Chameroy” (!) e posteriormente Mme. La Borde. “Verdadeiros elementos de renovação do meio”, antes delas lamentavelmente sujeito às “comadres”, nem sempre hábeis, às “curiosas”, nem sempre escrupulosas na higiene, ou às escravas de rudimentares conhecimentos (Freyre 1940: 53).

---

<sup>13</sup> *Almanaque da Província de São Paulo*, 1884.

<sup>14</sup> Em anúncio de 10 de novembro de 1878.

Outra predominância francesa nos anúncios dos jornais paulistas da segunda metade do século XIX, é a de remédios, elixires e drogas as mais variadas. Não faltava a uma farmácia caseira o remédio de Le Roy, ou o *Vinho de Marsa* – tônico do Dr. Moucelot, da Faculdade de Medicina de Paris – ou a poção anti-reumática do Dr. Vaumé. Esses remédios eram vendidos freqüentemente em farmácias, em muitas das quais o farmacêutico como o muito apreciado Camilo Bourroul, eram franceses. Ao que parece, foram eles introdutores desse gênero de comércio no Brasil, suas boticas substituíram as velhas lojas de barbeiros onde, nos tempos coloniais se aplicavam bichas, sangravam-se doentes, vendiam-se pós e pomadas (Morais Filho 1904: 240).

Vários são os franceses que aparecem como hoteleiros ou donos de restaurantes. Nesse ramo do comércio eles se distinguiram no Brasil desde os primeiros tempos do Império<sup>15</sup>. Há ainda arquitetos aqui radicados como Charles Peyrouton<sup>16</sup>, e pintores como Jacques Loustalot, dignos representantes da técnica francesa.

Na arte fotográfica se notabilizaram. Os fotógrafos nacionais anunciam muitas vezes, a título de propaganda, a sua ida à França para se especializarem. Tal é o caso do Aviso publicado em 14 de março de 1878, pela casa *Fotografia Americana*, que anuncia o fechamento de suas portas durante certo tempo, por ter o “proprietário desse estabelecimento de ir a Paris estudar os progressos de sua arte”. Muitos outros “avisos”, denotando uma grande variedade de ocupações: engomadeiras, ferradores, jardineiros, cozinheiros, encadernadores, fabricantes de carros, seges, armeiros, etc., poderiam ser destacados dos jornais e almanaques. Em todos os ramos do comércio havia comerciantes e artesãos franceses, os quais dominavam pela sua capacidade e técnica e que sabedores do apreço com que se cotavam os artigos e artesãos de origem francesa, fazem questão de acusar a sua proveniência<sup>17</sup>. Ora são artigos rece-

---

<sup>15</sup> Daniel Kidder (s/d: 173) quando aqui esteve em 1838, mais ou menos, refere-se à única casa onde se podia obter hospedagem, e que estava sob a direção de “um tal Charles, francês”.

<sup>16</sup> *Correio Paulistano* de 1878.

<sup>17</sup> Se na Paulicéia era assim, essa influência não se restringia ao centro urbano. O mascate, geralmente francês levava-a até às fazendas (D’Assier 1867: 164).

bidos “pelo último vapor, vindo diretamente de Paris” ou é “um contramestre recém-chegado, que oferece seus préstimos”; ora são artesãos que propalam sua nacionalidade francesa com orgulho: cozinheiro francês, jardineiro francês, arrumadeira francesa. Sente-se, através desses anúncios, o prestígio com que contam as coisas e as pessoas vindas da França. Todo artigo fica imediatamente valorizado se a ele ajuntar-se a rubrica “vindo de Paris”(!). Todo artesão adquire especial prestígio se for francês.

Essa elevada consideração em que são tidos todos os artífices e objetos da França provocam como é de se esperar muita fraude comercial, muito abuso. O que acontece em outras partes do Brasil, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, e que é assinalado com espanto por viajantes como Expilly (1862), Mme. Toussaint Simon (1883) e D’Assier (1867), repete-se em São Paulo, mantidas as devidas proporções. Alguns europeus que sabem falar francês, tentam fazer-se passar por tal. D’Assier assinala a freqüência desses abusos, dizendo “*que de fois demandant a un de ces français improvisés, le nom de son departement, je l’ai entendu me répondre: Fribourg (!)*” (1867: 166). Há também por parte dos franceses no Brasil grande facilidade em se improvisarem mestres ou especialistas das artes mais disparatadas. Um auxiliar de cozinha em Paris, transforma-se aqui em grande cozinheiro, quando não em alfaiate ou fotógrafo! Por outro lado, muita coisa “encalhada” vem como artigo de última moda (Id.: 166).

A quantidade de referências que aparece nos jornais dá uma idéia do grande número de franceses estabelecidos na pequena capital. A colônia francesa adquirira grande importância, chegando mesmo a formarem-se várias sociedades, entre as quais a *Sociedade Francesa de Socorro Mútuo*, para franceses ou filhos de franceses nascidos no Brasil, e a *Sociedade 14 Juillet*, fundada em 1881, pelos então magnatas da colônia francesa: Cahen Levy, B. Portier, J. Tallout, Rivière, Bourgard, Bolidair, etc. (Moura 1943: 439).

A colônia chegou mesmo a manter jornais como o muito conhecido *Le messenger*, onde questões brasileiras e assuntos franceses eram analisadas lado a lado (Barbosa s/d: 439); e mais para o fim do século o órgão hebdomadário *L’Eclairer* de Louis Viollet (Freitas 1921: 743).

Esses numerosos franceses, na sua maior parte simples comerciantes, modestos artesãos, contribuíram poderosamente para a evolução do pensamento e dos modos de vida em São Paulo<sup>18</sup>. A importância que tiveram foi pressentida por um viajante que publicou em 1867, um livro sob o título: *Le Brésil Contemporain*, onde registra suas impressões. Observando o grande número de artesãos e casas de comércio de patrícios seus aqui existentes, D'Assier divisando com argúcia a grande importância que tinham esses elementos na difusão da cultura que representavam diz:

*“... cette population d'origine si incertaine a fait, au point de vue du progrès de l'influence française, plus que les frites de la vieille monarchie, plus que tous les artistes et les savants venus a grand frais. Ce “mascate” (colporteurs) frippon, qui court les “fazendas” (plantations), avec ses caisses de faux bijoux, cette marchande de modes sur laquelle les voisins chochottent, sont des forces de propagande d'une puissance inimaginable”.*

E mais adiante ainda na análise do problema:

292

*Le français va au devant des brésiliens, les attire par sa verve gauloise et son interissable gaité, aborde tous les questions, toutes les enterprises, n'est jamais a court pour trouver une solution aux affaires les plus impossibles, répond en un mot à toute force d'audace et d'entrain. Cette activité, cette bonne humeur, ces merveilles de l'industrie parisienne, agissent comme autant de courantes magnetiques sur l'esprit des habitants et leur donnent à leur insu le desir de connaitre plus à fonde une civilization qui sait produire tant de choses, et un peuple de si attrayantes manières (D'Assier 1867: 261 e 262).*

Nessas expressivas palavras está resumido todo o valor do papel desempenhado por esses pequenos comerciantes e artesãos aqui estabelecidos<sup>19</sup>. Da sua atividade

<sup>18</sup> Gilberto Freyre (1940: 16) acentua que mesmo os menos espirituais dos técnicos, como os cozinheiros e os padeiros, “também difundem cultura e modificam paisagens sociais”.

<sup>19</sup> Essa mesma idéia foi retomada por Otávio Tarquínio de Souza (1939) e por Gilberto Freyre (1940).

ficaram mais que traços materiais: alguma coisa do espírito e da cultura de cada um<sup>20</sup>. Foram eles fontes de novos modos de vida para toda uma sociedade. Agiram como centro de propagação da cultura francesa com a irradiação comercial de produtos, intelectual de idéias e principalmente social de costumes, usos e estilos de vida.

Portanto, “esses contatos técnicos, na aparência os mais humildes, desempenharam um papel considerável nas relações franco-brasileiras consideradas habitualmente sob um ponto de vista exclusivamente intelectual e artístico e têm um grande interesse sociológico, principalmente se levarmos em conta que esses dois aspectos da influência cultural estavam estreitamente ligados” (Bastide 1940: xxxiv).

Não menos importante foi a atuação que tiveram os professores, governantes, colégios e seminários na mão de franceses aqui estabelecidos. Exerceram eles no meio juvenil, que então se formava, poderosa influência e atração. Inúmeras foram as governantas e principalmente as professoras francesas que se ligaram a famílias paulistas, tomando a seu cargo a educação dos jovens. Muitas vezes residiam com as próprias famílias, passando quase a fazer parte das mesmas; outras vezes davam cursos particulares, como a estimadíssima Mme. Monfort, que entre 1878 e 1899, ensinou a crianças e moças das melhores famílias paulistanas. Alguns chegaram a mandar vir diretamente da França professores para educação de seus filhos. Esses mestres ensinavam aos jovens paulistas a língua francesa, geografia, história, aritmética, latim. Na quase totalidade dos casos, as aulas eram dadas em francês; daí uma divulgação cada vez maior da língua e conseqüentemente do pensamento francês. Da França também vinham todos os livros didáticos (Expilly 1862: 264).

O espírito assim formado no interesse pelas coisas francesas ficava muitas vezes mais conhecedor desses assuntos do que de temas brasileiros. Sugestivo é um trecho que encontramos na obra *No Tempo de Dantes*, de uma paulista que viveu nessa época: Maria Paes de Barros (1946: 18). Diz ela: “enquanto a gramática francesa

---

<sup>20</sup> No prefácio ao livro de Freyre (1940), o prof. Paul A. Bastide nota à p. xxv: “Mais les cas ne sont pas rares où le français établi à l'étranger a su apporter à son nouveau pays tout le bénéfice de ses qualités et de sa culture d'origine”.

era decorada a fundo, limitava-se o ensino do português a minguidos estudos no pequeno volume da enciclopédia” (sic). Fatos como esses deviam repetir-se freqüentemente. Franceses aqui recém-chegados não podiam ter grandes conhecimentos da língua portuguesa e dos assuntos brasileiros.

Era inevitável, nestas condições, que os jovens assim formados e desconhecendo os assuntos referentes à sua própria pátria e mais familiarizados com o sistema, com os assuntos franceses, ficassem para sempre ligados à França, intelectual e sentimentalmente. Esses mestres transmitiram aos alunos muito mais que o simples conhecimento de questões lingüísticas, históricas ou geográficas. Deram a eles uma contribuição muito mais valiosa: um pouco do seu espírito, do seu modo de encarar os problemas, do seu método, da sua concepção de vida, enfim da cultura que representavam.

Idêntico papel desempenharam os colégios e seminários nas mãos de frades e freiras francesas. Era hábito na Paulistânia da segunda metade do século XIX que as moças estudassem em casa. Entretanto, alguns colégios iam surgindo. Além de alguns existentes na capital, fundou-se nessa época em Itú, um colégio que teve grande repercussão nos meios paulistas: o Colégio do Patrocínio das Irmãs de São José. Este colégio foi criado em 1858 em Itú, por irmãs oriundas de Chambéry (Savóia), vindas a chamado do bispo D. Antônio Joaquim de Melo, por intermédio dos capuchinhos do Seminário Episcopal de São Paulo, também originários de Chambéry, e que aqui se achavam já há alguns anos.

Muitas moças de boas famílias paulistas passaram nesse colégio boa parte de sua meninice. Aí formaram sua personalidade sob a direção dessas irmãs. Os programas de estudos e a orientação do ensino eram dados pela superiora – Madre Teodora<sup>21</sup>. Num curso de 7 anos aprendiam as alunas: caligrafia (francesa logo se vê), geografia, história, francês, aritmética, geometria e história natural, num *curriculum* muito semelhante ao adotado em França nessa mesma época. Além dessas matérias, aprendia-se coisas mais práticas como: trabalhos de agulhas, *tricot*, *crochet*,

---

<sup>21</sup> Madre Maria Teodora Voiron, natural também de Chambéry.

etc... As irmãs não perdiam oportunidade para ensinar bons costumes e as tradicionais maneiras francesas. Nos recreios era costume as alunas cantarem em “brinquedos de roda” canções tipicamente francesas como *Frère Jacques*, *Au clair de la lune*, *Il était une bergère qui gardait ses moutons*, *Malbourough s’en va t’en guerre*, *Sur le pont d’Avignon*, etc. Essas canções aprendidas na infância, serviram depois de baladas de ninar, que aquelas meninas, então já moças, cantaram para seus filhos. Para encher as horas de lazer, podiam as alunas comprar livros de história, como *Le livre de la jeune fille en vacance*, e muitos outros que faziam sucesso entre elas. Esses livros, na quase totalidade franceses, por essa mesma época deliciavam as crianças em França.

Alguns anos depois da fundação do Colégio do Patrocínio, as mesmas irmãs de São José fundaram outro colégio semelhante ao primeiro, em Taubaté: o Colégio do Bom Conselho e antes do fim do século um em Franca e outro no bairro de Santana, em São Paulo. As jovens formadas nesses colégios vivendo num ambiente onde se respirava de manhã à noite a cultura francesa, impregnavam-se dela.

Referimo-nos aos franciscanos que tinham fundado um seminário em São Paulo alguns anos antes da chegada das Irmãs de São José e que haviam sido indiretamente os responsáveis pela sua vinda. Foram eles também ativos propagadores da cultura francesa no meio paulista. No seminário que fundaram eram aceitos não somente meninos que pretendiam seguir a carreira religiosa, como outros alunos que quisessem apenas instruir-se. Permaneceram esses capuchinhos até 1870 mais ou menos, quando em virtude de um escândalo havido com um dos frades, retiraram-se para a França. Esses frades logo que aqui chegaram fizeram correr fama da sua grande ilustração. Sob a sua orientação formaram-se muitos rapazes que mais tarde continuaram seus estudos na Academia de Direito, ou em outras escolas do Brasil, mas que levaram para sempre a marca da influência francesa<sup>22</sup>. Dos seminaristas que com eles estudaram, saíram sacerdotes notáveis pelo seu extraordinário saber,

---

<sup>22</sup> Manuscrito de obra não publicada de Emília Abranches Viotti, *Recordações*.

assim como grandes oradores. Basta citarmos dois dos mais conhecidos – o Padre Chico e o cônego Manuel Vicente<sup>23</sup>.

Não só os que estudaram diretamente sob a direção de professores franceses sentiram essa influência. Indiretamente, através quer do programa de estudos inspirado no *curriculum* das escolas francesas, quer dos livros didáticos usados, todos traduzidos de mestres franceses, ela atuou mesmo sobre aqueles que cursaram colégios leigos e tiveram professores brasileiros<sup>24</sup>. À língua francesa era sempre dado um especial destaque em todos os estudos. O interesse despertado por ela na sociedade paulista foi tal que em quase todas as famílias entendia-se perfeitamente o francês, quando não se falava correntemente essa língua<sup>25</sup>.

Atestam isso os viajantes que aqui estiveram na segunda metade do século XIX e que se admiravam ao encontrar freqüentemente, mesmo no interior das províncias e em vilarejos perdidos no meio de florestas virgens, alguém que era capaz de manter com eles uma longa “prosa” na sua língua pátria e que lhes mostrava uma biblioteca onde figuravam muitos dos mestres da literatura francesa. Observa o viajante francês Adolphe D’Assier:

*Ici la langue française s’est introduite elle même comme au XVIII siècle, elle s’introduisait a Saint Petersbourg, comme jadis le grec penetrait a Rome. Elle fait a cette heure partie integrante de l’education brésilienne (1867: 263).*

O conhecimento da língua pôs à disposição do brasileiro toda a literatura. As obras francesas de jurisprudência, de anatomia, de cirurgia, encontravam-se nas mãos de alunos da Faculdade de Direito de Pernambuco ou de São Paulo, da escola de Medicina da

<sup>23</sup> A biblioteca desses frades, constituída das melhores obras francesas, quando eles se retiraram foi doada à Faculdade de Direito, segundo informa Daniel Kidder (s/d: 189).

<sup>24</sup> O programa de estudos nas escolas brasileiras foi, até mais ou menos 1930, calcado nos moldes franceses. A propósito dos livros didáticos: “dans les collèges la plupart des livres elementaires sont traduits de nos auteurs classiques” (Kidder s/d: 263).

<sup>25</sup> Maria Paes de Barros (1946: 18) atesta esse fato: “Grande e pequenos, todos no sobrado falavam francês. Também eram nessa língua os livros didáticos bem como os volumes das duas estantes que se viam na espaçosa sala de estudos”.

Bahia ou do Rio de Janeiro. Não havendo em português livros de ciência ou filosofia, a única solução era recorrer-se aos livros franceses. Por isso, professores da Academia de Direito de São Paulo, como Francisco de Paula Belfort Duarte, liam assiduamente as *Horas de Trabalho* de Pelletan, a *Democracia na América* de Tocqueville, os *Tratados sobre Política Geral e Economia Política*, de Baudrillart, etc. (Vampré 1924: 82).

O comércio dos livros aliás era em todo o Brasil, quase um monopólio dos franceses. Os livros vinham à sua escolha<sup>26</sup>. Predominavam, nestas condições, nas bibliotecas dos homens da época, os livros franceses. Já era assim desde os fins do século XVIII em Minas quando entre as obras do Cônego Luiz Vieira da Silva encontraram-se obras de Bossuet, Raynal, Metreagan, La Potière, Joseph Lafitau, Descartes, Condillac, etc., ou na Bahia já no princípio do século XIX, quando entre as obras de Sabino Vieira, ilustre médico e agitador liberal em 1837, assinalaram-se as obras de Montesquieu, Tocqueville, Mignet, Rousseau etc.<sup>27</sup>.

Se a aceitação do livro francês é grande já nos fins do século XVIII, acentuou-se mais ainda na segunda metade do século XIX. Os anúncios de leilões, publicados em São Paulo nos jornais de então, demonstram claramente a predominância de obras francesas nas bibliotecas do tempo. Assim é que no anúncio de leilão publicado aos 14 de março de 1878 no *Correio Paulistano*, chama o leiloeiro atenção para os seguintes autores que se destacavam entre outros: Dumont, Le Sage, Say, Lamartine, Michelet, Pelletan, Tocqueville, Villemain, Hugo, Descartes, Victor Cousin, Dumas Fils, Millevoie, Bossuet, etc. Lista que mais parece da biblioteca de um *honnête homme* do fim do reinado de Napoleão III ou da 3<sup>a</sup> República. Através desses anúncios que são publicados freqüentemente nos jornais paulistas da segunda metade

---

<sup>26</sup> “Les livres venaient au choix des français, la France donnait les idées, que furent de tant influence sur la formation du Brésil” (Barbosa s/d: 417)

<sup>27</sup> Frieiro (s/d); Caio Prado Jr. (1948: 376) assinala a predominância no fim do século XVIII da literatura francesa entre nós: “A leitura de nossos avós, a parca leitura que se fazia nesta colônia de analfabetos em que só um punhado de pessoas sabia ler e destes muito poucos se ocupavam com coisas do espírito, é quase toda de origem ou inspiração francesa”.

do século XIX, penetramos nas bibliotecas, de então. “A literatura francesa, e só ela no que diz respeito a filósofos moralistas e políticos, está aí abundantemente representada” diz Caio Prado Jr. (1948: 376).

Os livreiros aqui radicadas recebiam os livros franceses e, apressavam-se em anunciá-los ao público letrado. Pelas novidades literárias recém-chegadas, divisamos o interesse que dominava os espíritos, nessa época. A livraria Popular anuncia em 17 de novembro de 1878 no *Correio Paulistano*, as novidades literárias recém-chegadas: Patric Larroque, *Religion et Politique*, 1878; Strauss, *Six Conférences, ouvrage traduit de l'allemand*; Herbert Spencer, *De l'éducation intellectuelle, morale et physique (traduit de l'anglais)*, Paris. Flammarion 1878; *Les terres du Ciel*; Jacalot, *Roi prêtres et Castes*, Paris, 1877; Idem, *Les pariah dans l'humanité*; idem, *Fetichisme, Polytheisme et Monoztheisme*; Renan, *L'évangile*, 1877; Hartmann, *Le darwinisme, ce qu'il y a de vrai et de faux dans cette théorie*; Paul Janet, *Saint Simon et le Simonisme*; Taine, *Philosophie de l'art en Italie*; Albert Reville, *Histoire du dogme de la divinité de Jésus Christ*; e outras obras de Stuart Mill, Belot, Daudet, Zola, Octave Feuillet, Victor Hugo, etc. Anúncio semelhante aparece no *Correio Paulistano* de 1º de março de 1878, onde a Casa Garraux faz saber ao público a recente chegada de livros modernos. Outros autores, então em moda, aí estão: Emile Accolas, *Science Politique*; Albert Babeua, *Le village sous l'ancien régime*; Victor Borie, *Chaix d'est Ange*, etc. Livros técnicos também aparecem em grande número, como os de Charcot, livros sobre moléstias do fígado de Camille Darest; Dr. Isamber, *Maladies de Laringe*; Jousset, *Leçon de Clinique Médicale*; Dr. Oré, *Le chloral et la medication intraveineuse*, etc. Inúmeros livros de Direito, de Dupont, Didier, Pailhé, etc., e uma série de outros volumes de história, geografia, romances, livros de viagem e filosofia<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Fizemos questão de reproduzir aqui, esses anúncios mesmo com o perigo de nos tornarmos maçantes, pelo alto significado que pode ter essa longa enumeração, que reflete o interesse da época. É nesse mesmo intuito que reproduzimos aqui, mais uma lista de livros, anunciados no *Correio Paulistano* de 26-11-1861, onde aparecem livros de história de Thiers, Cantu, Baracroncourt, Michelet, Le Bas e romances de George Sand, Montalambert, Lamartine e livros de poesia de Théophile Gautier.

Mesmo os que moravam no interior da Província estavam sempre a par das últimas novidades literárias, que lhes enviavam os livreiros amigos<sup>29</sup>. Os livros franceses imperavam soberanos! Ao seu lado timidamente aparecia uma ou outra obra de autor português ou nacional.

A língua francesa foi também o veículo de que se serviu o brasileiro para penetrar em outras culturas, como a inglesa ou alemã. Muitas obras de autores ingleses ou alemães, chegaram até nós traduzidas para o francês (Freyre 1948: 17). Entretanto, é quase exclusivamente na literatura francesa que vai o paulista da segunda metade do século XIX buscar informações que enriqueçam seus conhecimentos e que satisfaçam seus desejos de saber. Franceses eram os livros que os mestres e estudiosos de matemática, história, geografia, medicina ou direito, utilizavam nos seus estudos. Francesas também eram as obras que distraiam o espírito, nas horas em que a mente cansada procurava fugir à rotina diária, mergulhando numa outra vida – no mundo dos romances e da poesia. Não faltavam nas bibliotecas de um homem medianamente culto da segunda metade do século XIX obras de Corneille, Racine, Voltaire, Rousseau, Mme. de Sévigné, Montesquieu, La Fontaine, Lamartine, Chateaubriand, Lacordaire, Coppé, Théophile Gautier, Octave Feuillet, Victor Hugo, Balzac, Mme. de Staël, George Sand, Feval, Zola, Flaubert, etc.<sup>30</sup>

Revistas e jornais franceses obtinham grande aceitação na sociedade paulistana. *A Revue des Deux Mondes* e *l'Illustration*, eram as preferidas<sup>31</sup>. A Casa Garraux em anúncio transcrito no *Correio Paulistano* aos 5 de janeiro de 1871, fazia saber ao público que aceitava assinaturas para jornais e revistas européias (o que no caso queria

---

<sup>29</sup> Amélia Resende Martins (1939: 163) assinala que mesmo em sua fazenda, seu pai era um dos primeiros a receber novidades literárias.

<sup>30</sup> Esses livros constavam da biblioteca de Frederico Abranches Viotti, que viveu entre 1840 e 1900. Deles tomei conhecimento através de uma lista que me forneceu sua filha. Além desses romancistas e poetas, figurava nela uma série enorme de livros de direito, história, ciências, etc., todos em francês. Numa pesquisa que fizemos em outras bibliotecas do tempo, pudemos constatar esse domínio.

<sup>31</sup> Maria Paes de Barros (1946: 18) menciona uma outra revista: *L'Echo des Feuilletons*, que era assinada em sua casa.

dizer francesas). Entre as revistas mencionadas destacam-se: *Mode Illustrée*, *Conseiller des Dames et des Demoiselles*, *Magasin des Demoiselles*, *Moniteur des Dames et des Demoiselles*, *Modes Françaises*, *Monde Illustrée*, *Univers Illustrée*, *Illustration*, *Revue des Deux Mondes*, etc. Entre os jornais: *Gazette des Hopitaux*, *Gazette Médicale*, *Gaulois* (jornal político, noticioso, literário), *Figaro* (idem) *Courrier de l'Europe*, *Moniteur des architects*, *Revue critique de Jurisprudence*, etc.

Nítida a predominância de revistas de modas; mas não era apenas nesse campo que os paulistas buscavam inspiração nas revistas francesas. Também no setor técnico, como bem o indica a presença de revistas e jornais que tratam de assuntos de medicina, arquitetura e direito. O paulista, ligado cultural e sentimentalmente à Europa, pela França, interessa-se pelos acontecimentos que se passam no mundo europeu, e não, satisfeito com o noticiário minguaado de seus periódicos, vai saciar sua curiosidade nas revistas e jornais franceses.

A influência pois, da língua e literatura sob a forma de livros jornais e revistas, a favor da irradiação da cultura francesa entre nós, foi enorme. Franceses eram os compêndios em que se estudava, os romances que se liam, os filósofos que orientavam os conceitos; os livros técnicos de medicina, direito ou arquitetura, onde ia o intelectual buscar inspiração; francesas as revistas e mesmo alguns jornais. Não podemos esquecer, entretanto, que a ação desses agentes: livros, jornais e revistas, por mais difundida que tenha sido, esteve sempre circunscrita a um grupo relativamente limitado de pessoas – de uma certa cultura, a elite – não exercendo grande influência sobre a massa do povo.

Outro fator divulgador de cultura francesa entre nós, foi o teatro. Sua ação, só se fez sentir tardiamente, já no fim do século XIX, depois do grande impulso tomado pela lavoura cafeeira, quando a sociedade paulista se refinando e se enriquecendo torna-se cada vez mais exigente em matéria de diversão. É nessa ocasião que o público paulista assiste a representações de grandes companhias como a de Sarah Bernhardt ou Coquelin<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Mario de Lima Barbosa (s/d: 425), diz: “Les Brésiliens aiment le théâtre en general, mais leur delection est un privilège du théâtre français que les a educé et a formé leur gout, au cours de cette leçon traditionnelle commencé avec Coquelin, Suzanne Desprez, Le Bargy, Réjanne, Antoine, Lucien Guitry, Jena Hoding, Georges Grand, Jeanna Provost, Gabrielle Dorziat, etc...”.

O papel de divulgador da cultura francesa desempenhado pelo teatro, ficou limitado ao âmbito das platéias, e não teve como agente difusor a importância das casas de ensino, dos professores, dos artesãos e mesmo dos livros.

Na análise da maneira pela qual se processou a influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX, vimos a atuação que tiveram, as casas de comércio, os artesãos, os professores, colégios, os livros, revistas e jornais e o teatro, como agentes da cultura francesa entre nós. Nesse sentido foi também importante o papel das missões culturais, dos viajantes franceses que percorreram o Brasil nessa ocasião, e principalmente dos técnicos contratados.

A ciência, a literatura e a arte francesa, enviaram até nós notáveis representantes. Foi a missão artística de 1816, com Grandjean de Montigny, Ferrez, Taunay, Debret, Lebreton, Pradier e outros, o primeiro passo oficial nesse sentido. A esses seguiram-se muitos outros: Saint-Hilaire, Castelnau, Tollenare, Ribeyrolles, D'Assier, Expilly, Debadie, d'Orbigny e inúmeros outros viajantes, dignos representantes da cultura francesa, que percorreram o Brasil e deixaram ampla documentação acerca da nossa história, geografia e etnografia. “Quase todas essas obras francesas sobre o Brasil indicam que à presença em nosso país, de seus autores, correspondeu, uma ação ou influência de idéias, estilos e maneiras francesas, trazidas por eles. Ação senão ostensivamente pedagógica, como a dos mestres franceses no período de D. João VI e nos primeiros tempos do império, pelo menos estimulante” (Freyre 1940: 33).

Os técnicos contratados e as missões culturais que aqui estiveram a convite do governo, contribuíram mais do que esses viajantes, que por aqui passaram rapidamente, para dar a São Paulo uma orientação moldada nos hábitos e na experiência francesa. Inúmeras missões francesas vieram orientar os paulistas. Até mesmo uma missão militar aqui esteve chefiada por Paul Balagny, em 1906, para instruir e reestruturar a milícia paulista, organizando a Força Pública.

Os muitos técnicos contratados pelo governo, foram verdadeiros focos de difusão da cultura francesa, na pequena sociedade paulista da segunda metade do século XIX. Sua influência não se restringiu apenas ao campo referente à técnica em que

eram especialistas: ensino, engenharia, arte militar, etc., mas estendia-se sobre as idéias, os sentimentos, os hábitos, a vida íntima e social dessa época.

As viagens de recreio ou de estudo que os paulistas faziam à Europa, e principalmente à França, contribuíram para o mesmo resultado. Tornara-se hábito entre as famílias de grandes posses enviarem seus filhos para completarem seus estudos nas Universidades francesas. Esses jovens formavam seu intelecto na França e adaptavam-se durante os anos de estudos aos costumes franceses. Ao voltarem à pátria, traziam toda uma série de hábitos profundamente enraizados. Sua mentalidade sofrera a pressão dos moldes franceses, formara-se sob o calor dessa cultura, ficara marcada para o resto da vida. O método francês tornara-se o seu método. Passaram eles a ocupar no meio em que viviam a posição de divulgadores da cultura francesa.

As viagens de recreio que os paulistas faziam à Europa, quase que anualmente agiram de maneira semelhante, se bem que com muito menor intensidade. Em São Paulo essas viagens tornaram-se um hábito *chic* entre as famílias ricas, na segunda metade do século, XIX, mas foi com o sempre crescente desenvolvimento da cultura cafeeira e com o conseqüente enriquecimento de muita gente, que elas se tornaram uma verdadeira obrigação. Anualmente muitas famílias paulistas transportavam-se com todos os seus membros para a França, onde permaneciam durante alguns meses (Martins 1939: 67, 77, 498 e 633). De volta, faziam eles numerosas compras, e sem, perceberem, aquisições novas de hábitos e idéias assimilados quase inconscientemente. Esses contatos com a Europa, renovados freqüentemente nessa época, foram úteis para a divulgação da cultura francesa, num determinado meio social paulista.

\* \* \*

Por intermédio dos variados agentes: artesãos, comerciantes, artigos, livros, revistas, jornais, colégios, professores, governantes, artistas, missões culturais, viajantes de proveniência francesa, técnicos contratados, viagens de estudo ou de recreio à França, firmou-se entre nós, de modo acentuado a influência da cultura e da técnica francesa. Cada um desses fatores agiu à sua maneira e com intensidade diversa sobre a sociedade paulista. Essa influência estendeu-se nessa época, pela diversidade de agentes a todos os setores e manifestou-se em todos os campos: nas

coisas materiais e imateriais, nas modas, na literatura, na casa, na filosofia, na alimentação, no folclore, etc. Não se pode esquecer entretanto que ela esteve praticamente restrita a um certo grupo social cuja educação (grau de cultura) e situação econômica facilitaram os contatos com os agentes divulgadores dessa cultura.

No mobiliário, nos enfeites e quadros que adornam a casa de pessoas de um certo nível social, manifesta-se nesse fim do século XIX a influência francesa<sup>33</sup>. Gravuras de François Delarue, publicadas em Paris, povoam as paredes. Estatuetas, vasos de Sèvres, enfeitam os recantos da casa. Sobre os móveis, álbuns de fotografia ricamente encadernados, vindos diretamente de Paris, guardam preciosos retratos de toda uma geração. As paredes internas já não são mais pintadas como no tempo que Saint Hilaire visitara São Paulo, finíssimos papéis estampados importados diretamente da França recobrem-nas inteiramente. A louça de Sèvres vem substituir a louça portuguesa ou a de Macau de épocas anteriores. É em aparelhos finíssimos de Sèvres que as famílias mais abastadas tomam suas refeições. Algumas vezes adamascados vindos de Paris, cobrem as mesas. Talheres de *crystal* completam o quadro. Em algumas residências mais ricas até as maçanetas de cristal são importadas (Martins 1939: 350). Também os jardins, principalmente os das chácaras nos arredores de São Paulo, demonstram no seu planejamento e desenho, a influência dos mestres franceses: jardineiros que estiveram durante longos anos fazendo os jardins brasileiros “à moda francesa”, resultando dessa tentativa um produto híbrido assaz curioso, mais tarde remodelados segundo os moldes britânicos e *ianquis*. Provavelmente também a alimentação se ressentiu da influência dos numerosos cozinheiros franceses aqui radicados. Quantos pratos novos devem ter sido introduzidos no cardápio e terão ficado definitivamente integrados na nossa alimentação?! Iguarias e vinhos franceses são durante toda essa época largamente importados: Champagne Aye, vinhos de Bordéus, Borgonha, queijos franceses, etc., figuravam na mesa de muito paulista rico.

---

<sup>33</sup> Clado Ribeiro Lessa, “O mobiliário brasileiro nos tempos coloniais”, *Estudos Brasileiros*, n. 6, Ano I: 15 e 16.

Ao lado dos produtos alimentícios os objetos de uso como: caixas de costura, papéis de carta, fazendas, roupas, brinquedos mostram nítida influência gaulesa. Os penteados feitos pelos cabeleireiros franceses obedecem a estrita regra parisiense, e os perfumes consumidos vem também de lá. A moda francesa é ditadora absoluta no que diz respeito ao traje feminino: sapatos, vestidos, roupa branca, luvas, chapéus, tudo obedece a suas regras. A mulher paulista de uma certa classe, veste-se e calça-se de acordo com a moda parisiense. Se a mulher é mais escrava da moda parisiense que o homem, ele também a obedece. São esses homens que por volta de 1860, usam românticas melenas a Alfred Musset, ou a Théophile Gautier e barba a Napoleão III e vestem-se no Pedro Bourgade ou no Henri Scecerpele, segundo os figurinos de Paris e que muitas vezes se chamam: Danton, Lafayette, Luiz Felipe, Lamartine, Voltaire, Napoleão<sup>34</sup>.

Até mesmo a arquitetura manifesta a influência de franceses como o arquiteto Charles Peyrouton. Foi um deles, Jules Martin, estabelecido com litografia em São Paulo na segunda metade do século XIX, o idealizador do Viaduto do Chá (Moura 1943: 101). Quantos traços da preponderância francesa impressos na paisagem! Se é difícil acompanhar as provas materiais da influência francesa, mais ainda será assinalá-la no campo intelectual onde se manifestou mais importante e duradoura.

São os novos galicismos, é o folclore enriquecido, é o declínio rápido e o quase abandono dos lundus e das modinhas tão brasileiras, substituídas pelas canções e valsas francesas<sup>35</sup>. No ensino, no pensamento religioso, filosófico, literário, político, na arte, há sinais evidentes da assimilação cultural, assinala-se a influência de escolas e teorias francesas. Quantas formas importadas!<sup>36</sup>

<sup>34</sup> A lista de alunos que cursavam a Faculdade de Direito nessa época bem demonstra isso, basta que leiamos Almeida Nogueira (1907), ou Spencer Vampré (1924) para o constatarmos. Igual fenômeno é assinalado por Gilberto Freyre (1940: 40).

<sup>35</sup> Santana Nery (1889: 72) diz: “Plusieurs de nos jeu d’enfants quelques chants que les accompagnent, presentent des analogies frappantes non seulement avec ceux de Portugal, ce qui est tout naturelle, mais encore avec ceux de France”.

<sup>36</sup> Foi grande a influência religiosa francesa em São Paulo. Até mesmo os santos “em moda” eram na segunda metade do século XIX, santos franceses: como Santa Joana de Chantal e Nossa Senhora de Lourdes. A filosofia de Auguste Comte encontrou em São Paulo um campo fértil para seu desenvolvimento. Por sua vez Joseph de Maistre e Louis De Bonald foram os oráculos sempre invocados pela reação anti-liberal.

Esse fenômeno não se restringe ao cenário paulista: tem caráter nacional. Essa influência não se limitou apenas aos núcleos urbanos, embora nestes tenha sido, provavelmente, mais intensa. Atingiu mesmo as zonas rurais onde imperou em muitos solares de grandes fazendas – quer da Baixada de Campos, do Vale do Paraíba, do Centro e Oeste paulista, ou do Nordeste. Mas o que não se pode esquecer é que ela atuou sobretudo num grupo de elite – no sentido mais amplo e flexível da palavra: econômico, social ou intelectual.

O estudo da marcha dessa influência e dos seus resultados é um elemento a mais para a compreensão das manifestações literárias, políticas e ideológicas do Segundo Reinado e da Primeira República. Pensamos, por exemplo, na explicação da disponibilidade de certos espíritos para com o movimento republicano por volta de 1870-1873, quando os nossos políticos se correspondiam com Gambetta e citavam teóricos franceses. Ou ainda, na tão propalada influência da Inglaterra na organização política do Brasil imperial, que nos leva a imaginar, quando deparamos nas bibliotecas dos homens do tempo, uma bibliografia onde há, de uma maneira geral, uma predominância quase absoluta de autores franceses, que a fonte de inspiração dos nossos políticos muitas vezes esses autores franceses, também impregnados como estavam de admiração pelo sistema inglês e cujas obras por isso mesmo, eram cheias de citações de autores e exemplos ingleses. E neste caso tratar-se-ia de mais um exemplo da influência francesa no Brasil, do que propriamente da britânica. O que é certo é que algumas idéias e atitudes desses homens do tempo, que conviviam tão intimamente com as coisas e idéias francesas são de maneira evidente produtos de importação, nesse Brasil do Império e da Primeira República, ainda em grande parte, uma colônia espiritual da Europa e principalmente da França.

## Referências Bibliográficas

ALMANAQUE de São Paulo de 1884.

BARBOSA, M. Lima. *Les Français dans l'histoire du Brésil*. Rio de Janeiro, F. Briguet et Cia. Editeurs. Paris. Librairie Scientifique Blanchard, s/d.

BARROS, Maria Paes de. *No tempo de Dantes*. São Paulo, Brasiliense, 1946.

CALMON, Pedro. *História Social do Brasil*. 3<sup>a</sup> ed., 3 v., São Paulo, Cia Editora Nacional, s/d.

JORNAL *Correio Paulistano*. São Paulo, anos de 1854, 1861, 1871 e 1878.

D'ASSIER, Adolphe. *Le Brésil Contemporain*. Paris, Durand et Lauriel, 1867.

DEBRET, J. Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica do Brasil*. Livraria Martins Editora, s/d.

DENIS, Ferdinand. *Le Brésil ou histoire des moeurs, usages et coutumes des habitans de ce roy royaume*. 5 volumes. Paris, 1822.

306

EGAS, Eugênio. *São Paulo - a cidade*.

EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris, E. Den. Editeurs, 1862.

FREITAS, Afonso de. *Tradições e Reminiscências*. Monteiro Lobato & Cia. Editora, 1921.

\_\_\_\_\_. *A Imprensa Paulista*.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Companhia Editora Nacional, 1936 (Brasíliana).

\_\_\_\_\_. *Um engenheiro francês no Brasil*. Livraria José Olímpio Editora, 1940.

\_\_\_\_\_. *Ingleses no Brasil*. Livraria José Olímpio Editora, 1948.

FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira Ltda, s/d.

HILAIRE, Saint. *São Paulo nos tempos coloniais*. Monteiro Lobato & Cia, Editora, 1921.

\_\_\_\_\_. *Segunda viagem ao Rio de Janeiro*. Minas Gerais e São Paulo, s/d.

KIDDER, Daniel. *Reminiscência da viagem e permanência no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo)*. Livraria Martins Editora, s/d.

- KOSERITZ, Karl von. *Imagens do Brasil*. Livraria Martins Editora, 2 volumes, s/d.
- LESSA, Clado Ribeiro. “O mobiliário brasileiro nos tempos coloniais”, *Estudos Brasileiros*, vol. 6, Ano I.
- LEVASSEUR. *Le Brésil*. Paris, Lamiraut & Cia. Editeurs, 1889.
- MANUSCRITO *Recordações*, de Emília Abranches Viotti.
- MARTINS, Amélia de Resende. *Um idealista realizador. Barão Geraldo de Rezende*. Oficinas Gráficas do Almanaque Laemmert, 1939.
- MARTINS, Antônio E. *São Paulo Antigo*. 2 volumes. Tipografia do Diário Oficial, 1912.
- MORAIS FILHO, A. Mello. *Fatos e Memórias*. Livraria Editôra Garnier, 1904.
- MOURA, P. Cursino de. *São Paulo de Outrora, evocações da Metrópole*. 2<sup>a</sup> ed. Livraria Martins Editora, 1943.
- NERY, Santana. *Le Brésil en 1889*. Paris, Librairie Ch. Delagrave, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Folklore Brésilien*. Paris, Perrin et Cie. Libraries Editeurs, 1889.
- NOGUEIRA, Almeida. *A Academia de São Paulo. Tradições e reminiscências. Estudantes, Estudantadas*. Tipografia Vanorden, 8 volumes, 1907.
- PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do 2º Reinado*. 2<sup>a</sup> ed. Livraria Martins Editora, s/d.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo, Brasiliense, 1948.
- RESENDE, Barão Geraldo de. *Um idealista realizador*. Oficina Gráfica do Almanaque Laemmert, 1939.
- REVISTA, *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 6, 14 e 19.
- RIOS, Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Editora “A Noite”, 1946.
- RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. Livraria Martins Editora, s/d.
- SAMPAIO, Teodoro. *São Paulo no século XIX*.
- SIMON, Mme. Toussaint. *Viagem de uma parisiense ao Brasil*. Tradução. Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1883
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do Brasil no Segundo Império*.

SOUZA, Otávio Tarquínio. *Evaristo da Veiga*. (Brasília). Cia Editora Nacional, 1939.

\_\_\_\_\_. *Digesto Econômico*, 1948 (nov. e dez.) e 1949 (jan. e fev.).

TAUNAY, Visconde de. *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*. Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. Saraiva & Cia. Editora, 1924 (2 volumes).

ZALUAR, Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo*.